

Como habitar abismos

Em um dos cômodos da casa, na mesa de jantar posta - dessas onde segredos es-corregam da toalha e tencionam os talheres, feminino e masculino, personificados em seus arquétipos, se impõem como enredo mitológico. Vulvas e falos estão sobre a mesa, visíveis e despreocupados em se ocultar da moral coletiva. Ali são vivos e reinam, pois reconhecem os recintos como templos da opressão à liberdade. Estão bordados, machucados, doídos, contudo se impõem ao contexto social imposto, abrindo o convite para habitarmos essa casa.

Como Habitar Abismos é a primeira exposição individual de Mariana Guimarães e, assim, um marco em sua jovem carreira. Ocupando todas as dependências da casa-castelo do Flamengo, a artista traz ao público sua produção ao longo dos últimos cinco anos, que perpassa por diferentes fases e questionamentos de se entender mulher como gênero social.

Aproveitando-se da decoração, iluminação e elementos próprios da arquitetura eclética do Rio de Janeiro de 1916, a artista cria a partir da linguagem do bordado narrativas autobiográficas e universais tendo como roteiro conceitos de habitar, sexualidade, vida cotidiana, afeto, presença e ambiguidades.

Entre bacias, peneiras e linhas Mariana busca chegar ao íntimo e primitivo como essência da casa de Gaston Bachelard. O cotidiano incessante que dá base estrutural para interações relacionais e que muitas vezes se torna obscuro, velado e opressor. É nesse caminho do entre, do meio e das ambiguidades que se instaura a pesquisa de Mariana.

Intimidades e fantasias que rondam o imaginário coletivo, porém muitas vezes postas em um universo subversivo, quando não, totalmente reprimidas são reviradas nesse percurso doméstico a partir de instalações, objetos e fotografias. Como Habitar Abismos tangencia a busca pessoal da artista com a de milhares de mulheres que cavam diariamente o direito à independência em relação aos códigos patriarcais de conduta, impostos historicamente a toda sociedade. O feminino presente na obra se torna um signo universal de libertação e empoderamento, firme na decisão de voz.

O trabalho de Mariana se faz urgente em tempos sombrios de retrocesso da linguagem libertária relacionada à sexualidade dos corpos. Seu processo é íntimo e compulsivo, assim como nossas pungências mais agudas. Uma obra política que convida para a ação disfarçada de contemplação.

Beatriz Lemos